

Meschonnic, Ritmo e Sentido: análise de traduções do conto “Silence” de Edgar Allan Poe

Autor: Bruno Schroeder dos Santos

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvana Silva

INTRODUÇÃO

Henri Meschonnic é um teórico da tradução francês, criador da “Teoria do Ritmo”. De acordo com ele, toda tradução deve ser “escrita”, ou seja, deve inscrever o tradutor como sujeito do processo tradutório, no ritmo do texto. Por “Silence – a fable” e Meschonnic terem pouca circulação no Brasil, decidi criar uma nova proposta de tradução para um conto pouco conhecido de Edgar Allan Poe, bem como me por à discussão do ritmo do texto, à luz da Teoria do Ritmo de Meschonnic.

“O paradoxo da tradução não é, como se acredita em geral, que ela deve traduzir, e seria assim radicalmente diferente do texto que só tivesse que se inventar. O paradoxo da tradução é que ela deve, em si própria, ser uma invenção de discurso, se o que ela traduz o foi. Há uma relação muito forte e escondida entre escrever e traduzir. Se traduzir não realiza esta invenção, não corre esse risco, o discurso não é mais que da língua, o risco não é mais do que o já experimentado, a enunciação não é mais do que o enunciado, em lugar do ritmo não há mais sentido. Traduzir mudou de semântica e não se deu conta.”
(Poética do Traduzir, p. 270)

OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivo analisar três diferentes traduções do conto “Silence – a fable” de Edgar Allan Poe, compará-las e lê-las à luz da Teoria do Ritmo. Dessa forma, a partir de uma nova leitura, busca-se elaborar uma nova proposta de tradução, com maior foco na imagética das palavras e no conteúdo dos elementos fantásticos do conto.

ORIGINAL

“For many miles on either side of the river's oozy bed is a pale desert of gigantic water-lilies. They sigh one unto the other in that solitude, and stretch towards the heaven their long and ghastly necks, and nod to and fro their everlasting heads.”

NOVA TRADUÇÃO

“Quilômetros e quilômetros mais adiante, ao longo de cada lado das margens lodosas do rio, há um deserto de gigantescas ninfeias brancas, pálido como leite. Elas suspiram uma para a outra em meio à solidão, e estendem para o Céu seus pescoços longos e lívidos, balançando para lá e para cá suas cabeças em um movimento sem fim.”

CONCLUSÕES

A primeira tradução constrói uma narrativa de terror chamativa. A segunda se preocupa com todos os detalhes. A terceira atenta mais para a imagética de cada frase. Já a nova tradução desenvolve isso um pouco mais com os elementos fantásticos, criando um ritmo mais rico em imagens mentais, que são a conotação que cada palavra tem para o leitor, como o exemplo acima indica, ao contrastar a imagem de um deserto com a imagem de uma flor que encanta aos olhos. Em síntese, cada tradução possui um enfoque narrativo elaborado por cada tradutor.

REFERÊNCIAS

- *MESCHONNIC, Henri. **Poética do Traduzir**. São Paulo: Perspectiva, 2010. 344 p. (tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich)
- *MESCHONNIC, Henri. **Linguagem, ritmo e vida**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 36 p. (tradução de Cristiano Florentino)
- *MESCHONNIC, Henri. “Traduzir: escrever ou desescrever?”. In: **Scientia Traductionis**. Revista da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) n.07, 2010 (Tradução de Cláudia Borges de Faveri e Marie-Hélène Catherine Torres). 21 p.
- *POE, E. A. **The Selected Writings of Edgar Allan Poe**. Edited by G. R. Thompson. Norton Critical Editions, Agosto de 2004. 1024 p.